

O WHATSAPP COMO UM ESPAÇO EM DISPUTA: A PRODUÇÃO SOCIOPOLÍTICA DO ATIVISMO DIGITAL DO GRUPO JUVENTUDE NEGRA KALUNGA PELO USO DO APLICATIVO¹

Luizete Vicente da Silva²

Márcia Nunes Vidal³

Universidade Federal do Ceará – UCF, Fortaleza, Ceará

RESUMO

O presente artigo é resultado da dissertação de mestrado que fala sobre o ativismo digital da juventude negra. A pesquisa teve o objetivo de analisar a produção sociopolítica do ativismo digital negro por meio da observação do uso do aplicativo WhatsApp pela “Juventude Negra Kalunga”, grupo formado por jovens negros que se propõe a discutir as relações raciais, dando ênfase à prática do empoderamento juvenil e à identidade da juventude. Pretende-se observar como o grupo interage neste ciberespaço e quais os desdobramentos que esse ambiente virtual desenvolve nas relações presenciais e na construção de espaços de discussão para o exercício da cidadania da juventude negra.

PALAVRAS-CHAVE: juventude, cidadania, ativismo digital, movimento negro, redes sociais.

Introdução

O *WhatsApp* se apresenta como uma ferramenta de comunicação escrita prática e econômica, possibilitando o acesso e a participação de diferentes usuários, grupos e/ou organizações. Pensar como esse aplicativo pode ajudar no processo de produção sociopolítica do ativismo digital negro do grupo Juventude Negra Kalunga torna-se o objetivo da pesquisa de mestrado resumida neste artigo que tenta, por meio da observação do uso do aplicativo, discorrer sobre a participação, articulação e mobilização de seus usuários.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, e-mail: luizetevicentesilva@gmail.com

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, e-mail: marciavn@hotmail.com

O Grupo Juventude Negra Kalunga, que começou em 2007, discute sobre a condição do negro na sociedade, o seu papel na formação social do povo brasileiro e como esse ator se remodela para responder às discriminações e aos preconceitos que vivencia. O nascimento do grupo ocorre em um momento de mudanças no debate sobre as relações raciais no Ceará e no Brasil, pois é um grupo que se depara com dados alarmantes sobre a situação do negro.

A tentativa de explicar um pouco sobre as juventudes negras e suas identificações, a visibilidade dos sujeitos historicamente invisíveis, as mídias negras como ferramentas de comunicação e a criação da *web* e sua evolução durante séculos culminaram no fim desta jornada (ou seria o seu ponto de partida?), para refletir as transformações dos grupos, movimentos e/ou organizações que têm adentrado no mundo digital. Sua participação social, nesses espaços, tem modificado a forma de pensar e interagir, pois mudanças começam a ocorrer a partir das interfaces de mediação nas redes. E criar brechas para pensar a sociedade e sua cultura, tradição e costumes, através da ótica do mundo globalizado, trazem transformações estruturais para a atualidade.

Tentando compreender o papel do aplicativo para o grupo Kalunga nessa transformação mundial, esperamos discorrer sobre as interfaces do aplicativo e sua tarefa na mediação entre os usuários na sociedade contemporânea, a mobilização do grupo na tentativa de criar uma interação do *on-line* com o *off-line* entre os espaços e refletir sobre a função do aplicativo para o grupo na perspectiva de disputar temáticas do movimento negro. Como ressaltam Cogo e Bernardes(2015), ao explicar sobre o consumo e usos da *Internet* entre jovens mulheres em situação de acolhimento, quando dizem que “ao ser um espaço de diferenciação, o consumo se torna também um espaço de encontro e comunicação” (COGO; BERNARDES, 2015, p.154). Isso mostra que a plataforma é uma forma alternativa de encontro entre pares que se reúnem para conversação, seja no particular ou nos grupos de discussões.

1 - O WhatsApp como instrumento de mobilização

Um aplicativo que permite a troca de mensagem via texto, imagens, áudios e vídeos, por uma ou mais pessoas através de aparelhos móveis e/ou via web, com a chegada da *web.whatsApp* para *download* rápido, com sistemas operacionais *Android*,

Windows Phone, iOS (iPhone) e BlackBerry OS. Foi criado em 2009, por Jan Koum e Brian Acton, com o nome *WhatsApp* e é um trocadilho inglês que tem como referência a frase "*What's Up*", que quer dizer "E aí?", para iniciar um diálogo. O aplicativo dispõe de uma enxurrada de conteúdos disponíveis em sua plataforma com mais de um bilhão de pessoas, em mais de 180 países utilizando para se manter conectados⁴.

O aplicativo tem feito parte do cotidiano de diversas pessoas e criado uma rede de relacionamento entre seus usuários que se conectam com diferentes objetivos e causas, como afirma o pensamento de Malini e Antoun (2013), ao indagarem sobre a criação de redes de compartilhamento que proporcionam tipos de relações e forma de conexão.: "as redes de compartilhamento cultural entre pares e seus motores de localização constroem um sistema sem eixos centralizados de distribuição e regulam a velocidade de obtenção dos produtos pela quantidade de benefício gerada pelo captador de recurso" (MALINI e ANTOUN, p. 56, 2013). Com o Grupo Kalunga não seria diferente, pois o aplicativo permite, por meio de seus códigos, um ambiente em constante conexão que promove o diálogo entre os pares, como explica Lucas Vieira⁵, integrante e administrador do grupo Juventude Negra Kalunga, que fala sobre as motivações que levaram a entidade a criar um grupo de conversação no *WhatsApp*.

Não me recordo agora do motivo, do dia da existência do grupo [chegada do grupo ao aplicativo], mas como qualquer outro meio a gente criou como jovens, desde que eu entrei na Kalunga sempre existia a necessidade de se comunicar e falar o recado e a possibilidade de todo mundo ouvir o mais rápido possível, então a gente já passou por telefone, email, sms, três segundos, né! Dá o toque, alguém dá o recado. Já passamos por grupo de email, então eu acho que o *WhatsApp* era a ferramenta que estava sendo utilizada pelo maior grupo de pessoas e era a ferramenta que a gente tinha. (VIEIRA, 2017, grifo nosso).

O aplicativo chega para o grupo como um instrumento de conversação de rápido retorno e interação constante, como enfatiza Lucas Vieira⁶. Uma inovação que responderá pelo desejo de comunicação entre os indivíduos e modificará a forma de relação entre as pessoas. Sendo possível enviar uma foto que aparecerá na janela de conversa, de um usuário ou um grupo, apenas com um click. Ou mesmo interagir com

⁴ Descrição do app disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/> . Acesso em 27 de dezembro de 2017.

⁵ Entrevista concedida por Lucas Vieira integrante e administrador do grupo Juventude Negra Kalunga, em 23 de outubro de 2017.

⁶ Idem

alguém que não faz parte da lista de contato salva nos contatos telefônicos, mas apenas porque ambos participam de uma mesma conversa no grupo. Além do recurso que disponibiliza a confirmação do recebimento da mensagem nas conversas, seja no individual ou no grupo, através de “tiques”, indicadores que informam a entrega da mensagem no aplicativo. Dessa forma, o aplicativo cria estratégias de conversação com recursos que ajudam na interação de seus usuários, permitindo a produção de espaços de mobilização de pessoas e grupos sociais na web.

A partir dos recursos apresentados pelo aplicativo, o grupo Kalunga cria sua forma de conversação como uma comunidade que partilha temas diversos, produzindo conhecimento. Um espaço de pertencimento onde a necessidade do “nós” representará o sentido de vivência do grupo, seja na condução dos envios de imagens e vídeos compartilhados, prioritariamente, com referências aos temas da população negra, seja com matérias vinculadas à realidade da população negra da época.

Isso só é possível por conta do desenvolvimento tecnológico que tem possibilitado a produção de estratégias de interação entre grupos sociais, como explica Barbero (2015), ao falar sobre a participação das novas tecnologias na América Latina. Ele afirma que, por meio das novas tecnologias, as interações sociais serão o ápice da globalização, provocando a segmentação de diferentes públicos em áreas de interesse com linguagem, falas e costumes específicos.

Desde finais dos anos 1980, o cenário da comunicação na América Latina é protagonizado pelas “novas tecnologias”. Vistas a partir dos países que desenvolvem e produzem essas novas tecnologias de comunicação via satélite, televisão a cabo, videotexto, teletexto etc., elas representam a nova etapa de um processo contínuo de aceleração da modernidade que agora estaria dando um salto qualitativo – desde a Revolução Industrial até a Revolução Eletrônica – do qual nenhum país pode estar ausente sob pena de morte econômica e cultural. (Barbero, 2015, p. 255)

Sendo assim, o autor fala sobre o processo de aceleração da comunicação na modernidade e como todos os países compõem essa urgência tecnológica. Uma urgência que se apresenta também para as organizações e grupos sociais que desejam visibilidade de sua pauta, a exemplo do grupo Kalunga, que acredita na necessidade de compor as mídias sociais através do aplicativo e assim compartilhar suas ações, suas inquietações,

suas vivências. Assim, a integrante do grupo Kalunga, Clarisse Alexandre⁷ define a motivação de criar o grupo no *WhatsApp*.

Na época, a gente tinha muito essa dificuldade de nos encontrar, tem as dificuldades: ensino, trabalho, família. Então o *WhatsApp* aparece como uma ferramenta pra conciliar o tempo e tentar fazer as coisas através da rede social, sem necessariamente ter que se encontrar pra resolver algo, pra definir alguma coisa. (ALEXANDRE, 2017)

Barbero e Clarisse acabam encontrando pontos comuns em seus pensamentos, quando falam que essas novas tecnologias podem ajudar na conexão de seus usuários. Seja porque o processo contínuo de aceleração da modernidade deu um salto com a globalização e tem conduzido as relações ao espaço da web, seja porque com esse salto tecnológico foi possível conectar-se com outras pessoas para compartilhar temas sem a necessidade do encontro. Com isso, observamos os primeiros passos do grupo para a construção de mais um espaço de participação com forte sentimento coletivo (MAFFESOLI, 1998) e ativismo digital negro que permitirá a interação dos integrantes sobre diversos temas.

2 – O processo de apropriação das ferramentas do aplicativo pelo Kalunga

Caminhamos para o ponto de reflexão sobre a participação do grupo Kalunga no aplicativo, como que se vai moldando para acompanhar as necessidades de seus agentes sociais, criando uma rede de relações afetivas que se entrelaçam com os recursos disponíveis. Ou, como explica Barbero (2015), ao falar sobre a contemporaneidade entre tecnologias e usos. Ele usa a ideia de que é necessário resignificar as tecnologias como estratégia de utilização em favor de um grupo, uma causa. Para o autor, “é possível, contudo, uma reconfiguração, senão como estratégia, pelo menos como tática, no sentido que a palavra tem para Certeau: o modo de luta daquele que não pode se retirar para “seu” lugar e assim se vê obrigado a lutar no terreno do adversário” (Barbero, 2015, p. 259). Com isso, ele explica que, às vezes, a única forma de disputar um espaço de produção dos meios, para afirmar sua cultura, é se (re) apropriando da ferramenta e apresenta um exemplo para afirmar seu pensamento.

⁷ Entrevista concedida por Clarisse Alexandre integrante e administradora do grupo Juventude Negra Kalunga, em 30 de outubro de 2017.

Num bairro pobre em Lima, um grupo de mulheres organizou um mercado. Nele havia um gravador e alto-falantes, que apenas o administrador utilizava. Com a colaboração de um grupo de apresentadores, mulheres do mercado começaram a usar o gravador para saber o que os habitantes do bairro pensavam sobre o mercado, para tocar música nas festas e para outros fins. Até que a censura se apresentou, na figura de uma religiosa que ridicularizou o jeito de falar dessas mulheres e condenou a ousadia de pessoas que, “sem saber falar”, atreviam-se a usar os alto-falantes. Provocou-se assim uma crise; durante algumas semanas, as mulheres não quiseram saber mais do caso. Algum tempo depois, porém, o grupo de mulheres procurou os apresentadores e afirmou: “Pessoal, a gente descobriu que a religiosa tem toda a razão; a gente não sabe falar, e nesta sociedade quem não sabe falar não tem a menor possibilidade de se defender nem pode nada. Mas a gente também passou a entender que, com a ajuda desse aparelhinho aqui – o gravador -, a gente pode aprender a falar”. (Barbero, 2015, p. 260).

O caso apresentado narra o importante papel que os grupos sociais têm na apropriação das novas tecnologias de comunicação para mobilização e difusão de sua cultura na atualidade, como o consumo do *WhatsApp* que pode ser uma ferramenta de produção sociopolítica, para falar sobre a situação da população negra. Pensar os meios como instrumentos estratégicos que podem ajudar na intervenção de pautas, como refletiu o grupo de mulheres do bairro de Lima, é uma tarefa dos movimentos sociais que podem disputar o ciberespaço. Assim, como afirma Canclini, quando fala sobre o consumo como um lugar de participação. Que mesmo apresentando ponto de vista a partir do ideário do consumo para o exercício da cidadania, encontra uma questão que unifica o pensamento sobre as tecnologias. Isso porque ambos falam da possibilidade dos meios de comunicação serem utilizados para o consumo de grupos historicamente invisíveis para a sociedade.

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertencem e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem suas respostas mais através do consumo privado de bens e meios de comunicação de massa do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (Canclini, 2008, p. 30).

Os dois pontos encontram uma confluência de pensamentos no que diz respeito à participação do grupo Kalunga que assumirá ativamente essa forma de consumo, para estabelecer um lugar de compartilhamento para narrar suas pautas.

Trazendo suas identificações, linguagens e pontos de vista, que iniciam no espaço virtual e continuam no presencial com a realização de reuniões, seminários e conversas. Como mostra a fala de uma das administradoras do grupo Kalunga, Dione Silva⁸, quando diz que a criação do grupo no aplicativo ajudou na mediação das atividades presenciais.

[...] no começo a gente utilizava mais e eu acho que a gente conseguiu o nosso objetivo de otimizar a comunicação, a gente fez reuniões em 2014 eu acho ou foi 2013 eu não lembro, acho que em 2014 a gente fez aquela roda de conversa sobre mulheres negras lá... Ah, foi em 2013!. Eu lembro que a gente chegou a fazer reuniões pelo whatsapp, alguns encontros, debates e o seminário que fizemos lá na Acrópole, em Maranguape, foram dois dias mesmo de discussão, que a gente conseguiu dar uma aprofundada e o grupo foi fundamental naquele processo, porque combinamos e nos comunicamos a partir daquele grupo. (SILVA, 2017).

A integrante nos faz entender que é possível, assim como fala Castells e Canclini, apropriar-se de uma mídia com a perspectiva de articular e organizar os interesses de um grupo. Pensar alternativas, como a criação do grupo no aplicativo, que ajudem no processo de mobilização de um grupo na defesa de sua causa ou mesmo com o objetivo de uma comunidade de afetos que deseja partilhar sentimentos, memórias e/ou histórias das pessoas que sentem os marcadores de suas minorias também foi um dos motivos que proporcionou a apropriação da Kalunga pelo uso deste meio.

Cada vez mais o grupo interagia, criando uma identificação com os recursos permitidos pelo aplicativo. E isso se acentuou quando os idealizadores do aplicativo perceberam a necessidade de adicionar símbolos e figuras que pudessem representar a diversidade da sociedade, e criaram, em 2015, os *emojis* étnicos para representarem os diversos tons de pele de grupos raciais.

Figura 1 - Emojis com pessoas de cores diferentes disponíveis no aplicativo

⁸ Entrevista concedida por Dione Silva integrante e administradora do grupo Juventude Negra Kalunga, em 06 de novembro de 2017.



Fonte: APPLE (2015)

O aplicativo também trouxe a possibilidade de encontrar *emoticons* de famílias com casais do mesmo sexo para representar a diversidade sexual na sociedade e figurinhas de grupos geracionais para responder pela evolução dos recursos presentes no sistema operacional.

Figura 2 - Emojis de famílias de casais do mesmo sexo disponíveis no aplicativo



Fonte: APPLE (2015)

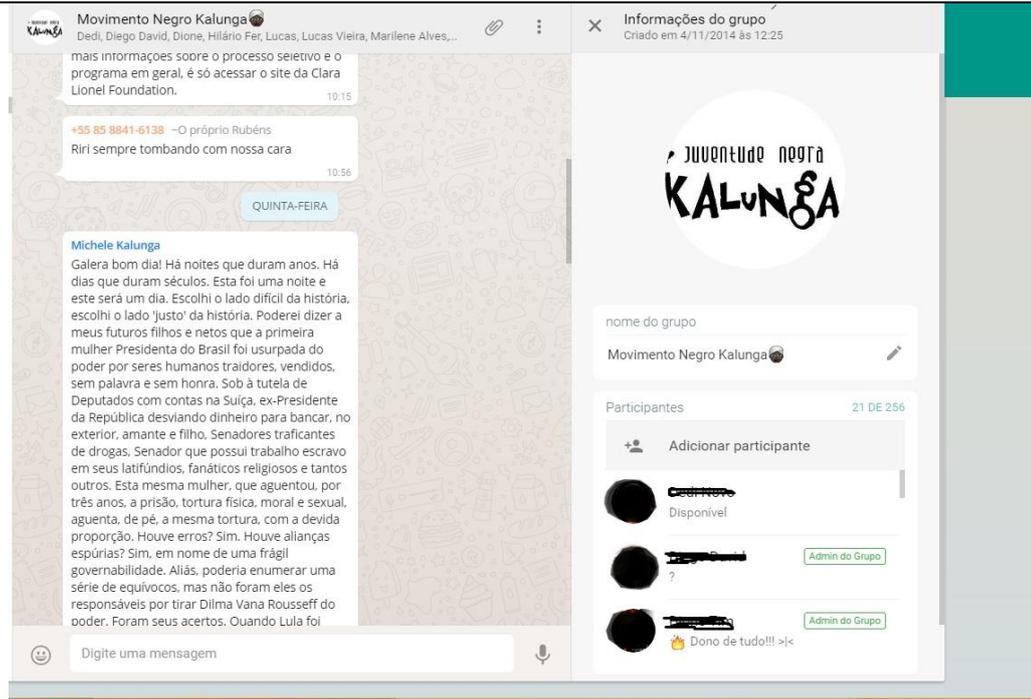
Percebendo essas funções, é razoável pensar: seria o aplicativo que percebeu a necessidade de atribuir recursos que pudessem representar a diversidade cultural e

étnica ou os grupos sociais que pressionaram a empresa para a criação de recursos que pudessem representar a diversidade cultural e étnica? Um questionamento importante que precisa ser analisado, como apontam Santos (2014) que analisam as contribuições de Edgar Morin e Manuel Castells sobre complexidade e o informacionalismo. Eles dizem que o micro e o macro, o local e o global têm relação direta com as mudanças sociais e por isso vão interferir nas interfaces criadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs). (SANTOS, 2014, p. 33).

A questão das mediações e intermediações, assim como dos contextos de desenvolvimento das, é, de resto, umas das linhas que, em nossa opinião, requerem o aprofundamento da investigação, justamente pelo paradoxo entre possibilidade de concentração e poder e, por conseguinte, controle; e possibilidade de emergência de poderes marginais/alternativos/difusos (subsumidos por vários autores como “contrapoderes”). (SANTOS, 2014, p. 37-38).

Não se pode negar o crescente interesse das grandes empresas por novas interfaces que respondam pela interação usuários/mídia, para tentar se socializar com diversos públicos de interesse que têm necessidades específicas de criar uma dialética autônoma dentro de suas estruturas. Isso acrescido da aceleração das novas tecnologias do mundo globalizado e do forte princípio da informação propicia a rápidas mudanças no aplicativo, como as figurinhas representativas a que o grupo de conversação também vai aderir.

Figura 3 – ícone da figurinha representativa do grupo



Fonte: KALUNGA (2014)

Com isso, podemos perceber que os grupos sociais se utilizam dos recursos oferecidos pelo aplicativo para se identificar ou mesmo para representar os temas que debatem, como no caso do Kalunga, que usa de um *emoji* para representar o grupo. Para Cogo e Bernardes (2015), a escolha pela figura não foi por acaso, ela faz parte da ideia de consumo cultural dos grupos sociais que desejam se identificar e afirmar sua identidade nas mídias. Elas dizem que “da mesma forma, o consumo cultural conforma a competência cultural, ou seja, as formas de agir, representar, pensar, que consideram, dentre outros, os pertencimentos étnicos, de gênero e de classe” (COGO; BERNARDES, 2015, p.154-55). É possível explicar a motivação pela escolha da figura no perfil do grupo. A escolha do grupo e o compartilhamento de conteúdos, durante a conversação, também será a partir da identificação com as pautas da entidade.

Assim fala Clarisse Alexandre⁹, membro do grupo Movimento Negro Kalunga, sobre os compartilhamentos realizados durante o período da pesquisa. Ela explica que

Como era o compartilhamento?! Bem, a gente tinha era texto, atividades que iam acontecer direcionados ao público, direcionada a essas questões raciais com textos, indicação de livros, palestras, entre

⁹ Entrevista concedida por Clarisse Alexandre, integrante e administradora do grupo Juventude Negra Kalunga, em 30 de outubro de 2017.

outras. Muita coisa assim, tinha muita coisa. (ALEXANDRE, 2017).

A integrante nos mostra que os debates dentro do grupo ocorriam por meio das pautas direcionadas. No entanto, também era possível observar que o grupo compartilhava outras pautas, como explica Lucas Vieira¹⁰. Ele diz que o grupo também compartilhava sobre temas diversos para manter seus usuários atualizados.

Atualmente!? Ou na época? **[Entrevistadora – Na época!]** Eu lembro muito de uma época que a gente trocava muitas informações, inclusive muito agenda do que estava acontecendo de eventos que iam acontecer, onde ia acontecer em prol de mobilizar as pessoas e também lembro de alguma interação cultural de música, e indicações culturais. (VIEIRA, 2017, grifo nosso)

As falas trazem pontos diferentes sobre quais conteúdos eram compartilhados no grupo que se complementam ao afirmar que o grupo proporcionava a divulgação de informações, sejam elas direcionadas para as relações raciais ou para divulgação de agendas culturais na cidade. Essas identificações comuns da globalização, como afirma Canclini (2008), torna o grupo híbrido, pois são identificações diversas que polarizam as pautas do grupo, como a questão negra, a cultura, a política, as relações afetivas, entre outros. Ele afirma que “nesta época de globalização, que torna mais evidente a constituição híbrida das identidades étnicas e nacionais, a interdependência é assimétrica, desigual, mas inevitável, no meio da qual devem defender-se os direitos de cada grupo” (Canclini, 2008, p. 21). Analisar o pensamento do autor e as falas dos integrantes do grupo Kalunga servem para pensar, que, partindo da ideia das identificações no mundo globalizado, podemos ter a hipótese que as identidades se apropriam das redes sociais, em especial do *WhatsApp*, para atribuir sentido, afetos, desejos como forma de consumo cidadão. Isso pode ser confirmado novamente com o pensamento de Cogo e Bernardes (2015), que estudam sobre o consumo e usos da *Internet* entre jovens mulheres em uma instituição de acolhimento.

As relações sociais encontram, na internet, um espaço de apropriação da técnica e de atribuição de sentidos aos seus usos. Esse cenário aponta para a possibilidade de reconhecimento por meio de uma ou várias identidades ou processos de identificação. Além disso, essas identificações constituem-se a partir de dinâmicas de escolha que

¹⁰ Entrevista concedida por Lucas Vieira, integrante e administradora do grupo Juventude Negra Kalunga, em 23 de outubro de 2017

estão em consonância com as preferências e gostos dos sujeitos, evidenciando mais marcadamente a sociabilidade contemporânea como uma forma de interação social. (COGO; BERNARDES, 2015, p.156).

Elas ressaltam que as escolhas e vontades das jovens perpassam pelo processo de identificação, a partir de um consumo cidadão, o mesmo ocorre com o grupo Kalunga que consome o aplicativo para sua produção sociopolítica do ativismo digital negro. Entender que o aplicativo pode ser um novo dispositivo de consumo cidadão entre seus usuários é perceber que as relações sociais são diversas e plurais que podem-se moldar com as reivindicações da contemporaneidade.

Canclini explica isso quando fala sobre o “consumo serve para pensar”, identificando os pontos importantes de uma forma de consumo que promova cidadania. Ele se utiliza da ideia de desconstrução das concepções de comportamentos dos consumidores. O autor nos mostra que o ideário de consumo e cidadania devem ser desmistificados pela sociedade atual, pois temos uma nova forma de pensar esse consumo cidadão “com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades” (CANCLINI, 2008, p. 35).

Considerações finais

Diversos questionamentos foram elucidados durante a escrita da pesquisa sobre o processo de produção sociopolítica do ativismo digital negro do grupo Kalunga, a partir do uso do aplicativo *WhatsApp*. A análise do grupo de conversação do Kalunga possibilitou compreender como a juventude, e em especial a juventude negra, utiliza o aplicativo para discutir as ações e pautas que permeiam as questões raciais na sociedade. O trabalho foi desenvolvido a partir da observação dos debates ocorridos no aplicativo e entrevistas com os membros do grupo sobre a participação no *WhatsApp* e a sua relação com a juventude negra, ativismo digital e mídias sociais.

A escolha pelo tema juventude negra e as mídias sociais ainda é desafiador na atualidade, pois a construção de um pensamento unilateral que pressupõe que a juventude só atrai atenção da sociedade pelo medo que provoca, impulsiona a

indiferença entre gerações e fortalece a violência, criando estereótipos que acabam estigmatizando esse grupo étnico e racial. O estudo realizado tem como base a forma com que a população negra cria estratégias de visibilidade para reivindicar suas pautas segundo seus valores, cultura, crenças e desejos, por meio das redes sociais. Durante a produção da pesquisa, tentamos compreender os discursos que os sujeitos realizam nesse espaço virtual, como prática de interação mediada por dispositivos móveis, que definem padrões e comportamentos diferenciados na emissão da mensagem de interesse do grupo analisado.

Por fim, percebemos, com as indagações dos autores, que a forma de consumo do grupo Kalunga, por meio do aplicativo, é cidadã e promove o sentido de pertencimento de seus usuários a partir do processo de apropriação cultural e social. As práticas de consumo que se transformam em signos e significantes atribuídos às imagens, áudios, fotos, vídeos, entre outros conteúdos utilizados, criam, assim, um local de identificações entre seus membros.

Referências Bibliográficas

APPLE (Foto: divulgação). In: Apple inclui 'emojis' negros em nova versão do iOS. **IBahia - Correio 24 horas**. [Site]. 24 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/apple-inclui-emojis-negros-em-nova-versao-do-ios/>> Acesso em 27 dez. de 2017.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COGO, Denise; BERNARDES, Márcia. **Juventude, sociabilidade e cidadania: consumo e usos da internet entre jovens mulheres em uma instituição de acolhimento**. Fortaleza: Ed UECE, 2015.

KALUNGA (Imagem). In: Informações do grupo. **Espaço de conversação do grupo do Juventude Negra Kalunga [WhatsApp]**. 04 nov. 2014. Disponível em: <<https://web.whatsapp.com/>>. Acesso em: fev. 2017.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

SANTOS, Helena. Complexidade e informacionalismo: as contribuições de Edgar Morin e Manuel Castells. In: PASSARELI, Brasilina; SILVA, Armando Malheiro da; RAMOS, Fernando (Org.). **E-infocomunicação estratégias e aplicações**. São Paulo: Editora Senac, 2014,.

TELEFONES CELULARES (Imagem). In: Telefones celulares: afinal o que são os sinais nas mensagens do whatsapp? **Tudo extra [Site].27 dez.2017**. Disponível em: <<http://tudo.extra.com.br/telefones-celulares/afinal-o-que-sao-os-sinais-nas-mensagens-do-whatsapp/>>. Acesso em 27 dez. 2017.